

ESPECIFICIDADES DA AÇÃO PEDAGÓGICA COM OS BEBÊS

Maria Carmem Barbosa
licabarbosa@uol.com.br

PALAVRAS INICIAIS

Em 1988, a Constituição Federal, atendendo aos anseios da sociedade, especialmente do movimento de mulheres — feministas, sindicalistas ou moradoras de bairros — definiu que o Estado brasileiro deveria garantir a oferta de educação infantil — pública, gratuita e de qualidade — para crianças de 0 a 6 anos, por meio do sistema educacional. Nas décadas seguintes, essa proposição legal desencadeou uma ampla expansão dos estabelecimentos de educação infantil. Esse texto legal, assim como os demais documentos dele decorrentes, induziram os municípios a construírem Centros e Escolas de Educação Infantil que atendessem a crianças de 0 a 6 anos e, com isso, ampliou-se significativamente o acesso das crianças de 0 a 3 anos às instituições educacionais públicas.

Nos vinte anos transcorridos desde então, a visão constitucional do direito a vaga nas creches e pré-escolas para pais que trabalham vem sendo substituída pela ideia do direito de toda criança a frequentar uma escola de educação infantil. Isso evidencia uma significativa mudança na compreensão dos direitos das crianças e também uma importante aposta na contribuição que a escola de educação infantil pode oferecer às crianças pequenas e suas famílias.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, 2009), garantindo uma visão sistêmica, evidenciam que, para garantir o bem-estar das crianças, das famílias e dos profissionais, as creches e pré-escolas devem cumprir suas funções:

Função social — Acolher, para educar e cuidar, crianças entre 0 e 5 anos, compartilhando com as famílias o processo de formação da criança pequena em sua integralidade. As creches e pré-escolas cumprem importante papel na construção da autonomia e de valores como a solidariedade e o respeito ao bem comum, o aprendizado do convívio com as diferentes culturas, identidades e singularidades.

Função política — Possibilitar a igualdade de direitos para as mulheres que desejam exercer o direito à maternidade e também contribuir para que meninos e meninas usufruam, desde pequenos, de seus direitos sociais e políticos, como a participação e a criticidade, tendo em vista a sua formação na cidadania.

Função pedagógica — Ser um lugar privilegiado de convivência entre crianças e adultos e de ampliação de saberes e conhecimentos de diferentes naturezas. Um espaço social que valorize a sensibilidade, a criatividade, a ludicidade e a liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais.

Se nos últimos anos as vagas foram quantitativamente ampliadas, ainda não é possível afirmar que uma pedagogia específica para as crianças pequenas tenha sido efetivada. Em grande parte das instituições, as singularidades das crianças de 0 a 3 anos, especialmente os bebês, ficaram subsumidas às compreensões sobre o desenvolvimento e a educação das crianças mais velhas. Afinal, até hoje as legislações, os documentos, as

propostas pedagógicas e a bibliografia educacional privilegiaram a educação das crianças maiores. Assim, ainda que os bebês e as crianças bem pequenas estejam presentes na educação infantil, as propostas político-pedagógicas ainda mantêm invisíveis as suas particularidades e não têm dado atenção às especificidades da ação pedagógica para essa faixa etária.

Antes de iniciarmos a discussão da abordagem pedagógica, vamos tentar definir quem são os bebês. Sabemos que a idade biológica ou cronológica não pode ser a única referência para definir até quando um ser humano pode ser considerado como bebê, pois as experiências culturais afetam o crescimento e o desenvolvimento das crianças pequenas.

Em nossa cultura, talvez possamos identificar a capacidade de andar, de deslocar-se com desenvoltura e de falar, ainda que apenas através de palavras e pequenas frases, como sinais do final do período de vida da criança a que chamamos bebê. Assim, neste texto, vamos considerar como bebê a criança até 18 meses de vida. Após essa idade, elas podem ser chamadas de crianças pequenas ou pequenininhas.

AFINAL, QUEM SÃO OS BEBÊS?

Durante muitos anos, os bebês foram descritos e definidos principalmente por suas fragilidades, suas incapacidades e sua imaturidade. Nos últimos anos, porém, as pesquisas vêm demonstrando as inúmeras capacidades dos bebês. Temos um conhecimento cada vez maior acerca da complexidade de sua herança genética, de seus reflexos, de suas competências sensoriais e, para além de suas capacidades orgânicas, aprendemos que os bebês também são pessoas potentes no campo das relações sociais e da cognição. Eles são dotados de um corpo no qual afeto, intelecto e motricidade estão profundamente conectados, e é a forma particular como esses elementos se articulam que vai definindo as singularidades de cada indivíduo ao longo de sua história. Cada bebê tem um ritmo pessoal, uma forma de ser e de se comunicar.

Quando nascem, os bebês humanos necessitam de um longo período de atenção e cuidado para sobreviver. Um dos grandes compromissos dos adultos, que já habitam este mundo, é o de oferecer acolhimento para esses novos integrantes da sociedade. Se por muito tempo essa era uma tarefa apenas das famílias, hoje, em nossa sociedade, é necessário que seja compartilhada com outras pessoas ou instituições. Cada vez mais, em nosso país, as mulheres trabalham fora de casa, motivadas pelo desejo de realização profissional, pela necessidade de independência econômica ou de contribuir com a renda familiar e o sustento dos filhos. As novas diretrizes asseguram que todas as famílias brasileiras têm o direito de solicitar vagas em creches e pré-escolas próximas às suas residências, sem requisito de seleção.

A ausência da família ampliada — avós, tios, irmãos morando próximo — e o envolvimento de muitos desses adultos no mundo do trabalho têm indicado a escola de educação infantil como o parceiro privilegiado para ser o suporte dos pais e das mães na tarefa de cuidar e educar as crianças pequenas. Esse papel de partilha não se restringe ao apoio concreto durante o período de atendimento direto às crianças na creche, mas constitui-se em referência para a reflexão sobre as ações de cuidado e educação das crianças pequenas.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil definem as escolas infantis como instituições abertas às famílias e à comunidade, como um local que oferece a efetivação de um direito social de todas as famílias e que tem por objetivo garantir bem-estar a todos. Nesse sentido, esses estabelecimentos educacionais têm como foco a criança

e como opção pedagógica ofertar uma experiência de infância intensa e qualificada. Torna-se, assim, um espaço de vida coletiva onde, diferentemente do ambiente doméstico, os bebês convivem com um grupo de crianças pequenas. Nesse lugar, junto com seus amigos e amigas, sob a coordenação de adultos especializados, as crianças têm a possibilidade de experimentar, aprender e construir relações afetivas. Do ponto de vista político-pedagógico, podemos selecionar três aspectos das diretrizes curriculares que são imprescindíveis na constituição de proposta(s) para a educação dos bebês em espaços de vida coletiva.

O primeiro aspecto é a compreensão dos bebês como sujeitos da história e de direitos. Direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças. Quando tomadas como seres capazes, as crianças se tornam protagonistas no projeto educacional. Essa é uma mudança paradigmática na compreensão da educação dos bebês, pois se afirma o compromisso com a oferta de um serviço educacional que promova, para todas as crianças, a possibilidade de viver uma experiência de infância comprometida com a aprendizagem gerada pela ludicidade, brincadeira, imaginação e fantasia. Nesse espaço, os bebês aprendem observando, tocando, experimentando, narrando, perguntando, e construindo ações e sentidos sobre a natureza e a sociedade, recriando, desse modo, a cultura.

O segundo é a defesa de uma sociedade que reconheça, valorize e respeite a diversidade social e cultural e que procure construir a igualdade de oportunidades educacionais entre as crianças, oferecendo acesso a bens culturais selecionados com os critérios da interculturalidade, da democracia, bem como afirmando a ruptura com relações de dominação — étnica, socioeconômica, de gênero, regional, lingüística, religiosa — e combatendo o racismo.

E, por último, a valorização das relações interpessoais, da convivência entre as crianças e destas com os adultos, pois são essas relações sociais que oferecem os elementos para a construção da sociabilidade e da constituição subjetiva de cada criança. Esse é um importante papel da educação infantil, principalmente no que se refere a crianças bem pequenas, pois é nessa faixa etária que as interações entre as pessoas têm expressiva relevância para a construção das identidades pessoal e coletiva da criança.

CAMINHOS PARA A CONSTITUIÇÃO DE PEDAGOGIA(S) ESPECÍFICA(S) PARA OS BEBÊS

As novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil apresentam — e defendem — concepções de sociedade, de educação e de infância que serão adotadas pelos sistemas educacionais na orientação das políticas públicas de educação infantil. Tais concepções precisam de fato estar presentes como fundamentação da organização do cotidiano das escolas infantis. Os serviços de educação infantil podem, a partir das concepções presentes nas diretrizes, revisar e reelaborar seus planejamentos e avaliar suas propostas pedagógicas e curriculares.

As diretrizes apresentam a escola de educação infantil como um espaço educacional que tem o importante papel de compartilhar, de forma indissociável, a educação e o cuidado das crianças pequenas com suas famílias. Essa é uma característica essencial desse tipo de instituição e a distingue de outros tipos de estabelecimentos e níveis educacionais. Como vimos anteriormente, a escola de educação infantil vem, cada vez mais, ocupando o lugar da família ampliada, especialmente nos grandes centros urbanos. Ela oferece aos pais e responsáveis pelos bebês parceiros que complementam a atenção, o cuidado e a educação

dos bebês e também um espaço para o encontro e a interlocução com pessoas qualificadas para dialogar sobre a educação das crianças pequenas. As famílias não podem ser vistas apenas como usuárias de um serviço, mas como colaboradoras, isto é, co-autoras do processo educacional, pois é preciso sintonia quando se trata de educar uma criança pequena ou um bebê.

Educar bebês na vida coletiva da escola.

Ao nascer, as crianças se defrontam com um mundo em processo contínuo de constituição. Para receber estas crianças, os adultos responsáveis selecionam de seu patrimônio afetivo, social e cultural as práticas de cuidado e educação que consideram mais adequadas para oferecer bem-estar a esses bebês e para educá-los.

Porém, essa não é uma tarefa simples: mesmo os responsáveis, os pais das crianças, provêm de mundos sociais diversos e necessitam de muito diálogo para estabelecer parâmetros para a educação de seus filhos. Cada família tem um modo de alimentar, embalar, acariciar, brincar, tranquilizar ou higienizar as crianças. E essas ações podem ser realizadas de diversas formas: afinal, as diferentes culturas inventaram múltiplos modos de criar suas crianças pequenas. E cada família tem um modo específico para compreender o choro de uma criança, suas necessidades de alimentação e de brincadeira e fazer suas escolhas, tendo em vista as tradições familiares ou concepções aprendidas com diferentes interlocutores.

A escola precisa estabelecer uma relação efetiva com as famílias e a comunidade local para conhecer e considerar, de modo crítico e reflexivo, os saberes, as crenças, os valores e a diversidade de práticas sociais e culturais que cada grupo social tem para criar seus bebês. Ao ingressar numa turma de berçário, o bebê vai conectar-se com universos familiares bastante diferenciados e ampliar seu universo pessoal. Obviamente, a escola, apesar de seu relacionamento com a comunidade e com as famílias, terá estratégias educativas diferenciadas, pois ela precisa atender às crianças na perspectiva da vida coletiva, e não individualmente, como acontece nos lares.

A escola, com a participação dos pais, organiza, em seu projeto político e pedagógico, um modo de conceber a educação das crianças pequenas e oferecer práticas de vida coletiva, sem se descuidar das singularidades de cada família, de cada bebê e de cada profissional. Na escola de educação infantil, espaço público de educação coletiva, as práticas de cuidado e educação de bebês tornam-se um importante campo de estudos, debates e tomadas de decisão que necessitam estar contemplados nos projetos pedagógicos.

O Projeto Político-Pedagógico é o resultado de um trabalho conjunto entre profissionais e famílias, um trabalho de reflexão, debate e confronto. Nele, a partir de princípios legais, um grupo de gestores, pais, funcionários e professores selecionam e explicitam os princípios educacionais que auxiliam os pais e educadores a pensar sobre o seu agir, isto é, a constituir referências e a compartilhar ações.

Um currículo para os bebês

Para os bebês, a ida para a creche significa a ampliação dos contatos com o mundo; para os adultos, responsáveis pela educação das crianças na creche, significa selecionar, refletir e organizar a vida na escola com práticas sociais que evidenciem os modos como os

professores compreendem o patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico e os modos como traduzem, no exercício da docência, as suas propostas pedagógicas.

As práticas sociais que as famílias e a escola ensinam para os bebês e as crianças bem pequenas são as primeiras aprendizagens das crianças e constituem o repertório inicial sobre o qual será continuamente constituída a identidade pessoal e as novas aprendizagens das crianças. Por exemplo, os bebês aprendem a se vestir ao serem agasalhados pelos adultos; aos poucos, os pequenos iniciam um processo de participação na ação de vestir-se e, finalmente, vão aprendendo a se vestir sozinhos, até mesmo a escolher suas roupas e a demonstrar suas preferências. Esses conhecimentos sociais e culturais, apesar de pouco valorizados nas escolas de educação infantil, são extremamente importantes para a constituição das crianças, dos seus hábitos, dos modos de proceder, das suas relações e das construções sociocognitivas.

Essas práticas sociais são estruturadas por meio de linguagens simbólicas com conteúdos culturais. Assim, as propostas pedagógicas dirigidas aos bebês devem ter como objetivo garantir às crianças acesso aos processos de apropriação, renovação e articulação de diferentes linguagens. É importante ter em vista que o currículo é vivenciado pelas crianças pequenas não apenas por meio de propostas de atividades dirigidas, mas principalmente mediante a imersão em experiências com pessoas e objetos, constituindo uma história, uma narrativa de vida, bem como na interação com diferentes linguagens, em situações contextualizadas. Desse modo, as crianças adquirem o progressivo domínio das linguagens gestuais, verbais, plásticas, dramáticas, musicais e outras e de suas formas específicas de expressão, de comunicação, de produção humana.

As concepções contemporâneas sobre os bebês, a infância, a aprendizagem e a educação encaminham para a compreensão de um currículo que vislumbre o desenvolvimento integral das crianças nas dimensões expressivo-motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural, compreendendo a criança em sua multiplicidade e indivisibilidade.

Porém, quando pensamos nas crianças bem pequenas, isto é, nos bebês, temos dúvidas sobre como propor esse currículo. Ora, não será certamente por meio de aulas, de exposições verbais, mas, como vimos anteriormente, a partir da criação de uma vida cotidiana com práticas sociais que possibilitem alargar horizontes, ampliar vivências em linguagens, para que os bebês experienciem seus saberes. Serão exatamente esses primeiros saberes, essas experiências vividas principalmente com o corpo, por meio das brincadeiras, na relação com os outros — adultos e crianças — que irão constituir as bases sobre as quais as crianças, mais tarde, irão sistematizar os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico.

ORGANIZAR UM PERCURSO EDUCATIVO PARA OS BEBÊS

Como vimos anteriormente, uma especificidade da pedagogia orientada para os bebês é a centralidade das brincadeiras e das relações sociais. Portanto, essa é uma pedagogia que torna imprescindível possibilitar encontros e visibilizar os modos e as diversas formas de relacionamento que se estabelecem entre as pessoas. Educar bebês não significa apenas a constituição e a aplicação de um projeto pedagógico objetivo, mas colocar-se, física e emocionalmente, à disposição das crianças, o que exige dos adultos comprometimento e responsabilidade.

A responsabilidade, a competência, a formação dos gestores, professores e demais profissionais precisam também estar vinculadas à delicadeza, à ternura, à empatia e à capacidade comunicativa. Os envolvidos na educação de bebês precisam protegê-los de qualquer forma de violência — física ou simbólica — ou de negligência no interior da instituição. Sempre que algum tipo de discriminação ou violência for praticado contra um bebê, é preciso realizar o encaminhamento das violações para as instâncias competentes.

A tarefa dessa pedagogia da pequeníssima infância é articular dois campos teóricos: o do cuidado e o da educação, assegurando que cada ato pedagógico, cada palavra proferida tenha significado, tanto no contexto do cuidado — como ato de atenção àquilo que temos de humano e singular — como de educação, processo de inserção dos seres humanos, de forma crítica, no mundo já existente.

Uma pedagogia de encontros e relações

Muitas relações se estabelecem numa sala de berçário: relações entre as crianças e entre os adultos e as crianças. Porém, as relações que se estabelecem entre os diferentes adultos — pais, professores e demais profissionais — não podem ser descuidadas. Apesar de realizarem atividades diferenciadas, professores, gestores e os diversos profissionais da escola, todos trabalham tendo um objetivo comum: oferecer às crianças e às famílias uma escola de qualidade. Muitas vezes, as dificuldades nas relações entre os adultos acabam afetando o trabalho pedagógico e também as próprias crianças. É indispensável que esses fatos sejam observados e que se criem na escola momentos de formação para partilha das dificuldades e resolução de conflitos, para a comunicação, a integração e comemoração dos êxitos.

As relações entre professores e crianças

Os adultos são responsáveis pela educação dos bebês, mas, para compreendê-los, é preciso estar com eles, observar, “escutar as suas vozes”, acompanhar os seus corpos. O professor acolhe, sustenta e desafia as crianças para que elas participem de um percurso de vida compartilhado. Continuamente, o professor precisa observar e realizar intervenções, avaliar e adequar sua proposta às necessidades, desejos e potencialidades do grupo de crianças e de cada uma delas em particular. A profissão de professora na creche não é, como muitos acreditam, apenas a continuidade dos fazeres “maternos”, mas uma construção de profissionalização que exige bem mais que competência teórica, metodológica e relacional.

As relações entre as crianças

As crianças na creche têm a experiência de viver cotidianamente em uma coletividade de meninos e meninas de idades diversas. Desde muito cedo, os bebês procuram as outras crianças com olhares, esboçando sorrisos e sons, tentando tocar o colega com o corpo. A ação pedagógica na turma de bebês deve favorecer o encontro entre eles em diferentes espaços e momentos do dia. A professora precisa estar atenta aos movimentos relacionais do grupo e favorecer o desenvolvimento corporal, afetivo e cognitivo dos bebês.

As relações com as famílias

A escola, por meio de seus gestores e professores, tem o compromisso de construir relações com as famílias. As relações podem ser propiciadas por distintas formas de

encontro, mais ou menos formais, em situações individualizadas ou coletivas que favoreçam a escuta e as trocas, como reuniões, entrevistas, festas. Assim, as famílias irão sentir-se valorizadas e reafirmadas em sua função parental de responsáveis pela educação de seus filhos. A pluralidade de encontros favorece a construção de laços, a confiança e a troca. Mesmo antes do ingresso dos bebês na creche, é preciso que as famílias conheçam a escola e tenham tido a oportunidade de compreender e discutir o projeto pedagógico. Uma relação de confiança dos pais ou responsáveis com a escola facilita estabelecer vínculos seguros dos bebês com a instituição. A interação da escola com as famílias é tão importante que vem sendo considerada como um dos critérios fundamentais na avaliação de qualidade das creches.

Uma pedagogia para o dia a dia da sala de bebês

Para organizar um percurso de aprendizagem e desenvolvimento para os bebês, é preciso que se tenha um Projeto Político-pedagógico que defina objetivos de longo prazo, pois a formação humana é algo que necessita de tempo. Além disso, cabe à escola saber o que cada bebê e o grupo de crianças pequenas precisam para, assim, construir estratégias que possam oferecer às crianças as ferramentas necessárias para compreender e apresentar-se ao mundo.

A explicitação dos objetivos, das concepções e das estratégias educacionais do trabalho pedagógico com as crianças pequenas é importante, pois possibilita aos educadores compartilhar — tanto com seus colegas, no interior da escola, como com os pais e a comunidade — seus princípios educativos. Ter concepções compartilhadas significa argumentar, constituir coerência, estabelecer continuidade e estabilidade tanto horizontal, na escola e na família, como vertical, entre as turmas ou níveis de ensino.

Concepções e objetivos tendo sido claramente compartilhados os objetivos e as concepções, pode-se, então, começar a constituir o processo educacional. Elaborar uma intervenção pedagógica numa turma de bebês significa realizar ações de dois tipos: (a) a construção de um contexto; e (b) a organização de um percurso de vida.

Construir um contexto

Uma especificidade da pedagogia com os bebês é a sutileza, a forma indireta e discreta com que se realiza. A primeira intervenção é no modo de constituir um contexto, que, se bem organizado, nos propiciará conhecer as crianças e interagir com elas. Se inicialmente a professora organiza o ambiente, a presença das crianças, as conversas com as famílias, as interações do grupo podem ir transformando esses contextos. Se no início ele é mais material (móveis, brinquedos, decorações), pouco a pouco ele se torna mais social, pois o social não existe sem o material e vice-versa. O contexto se estrutura a partir de algumas variáveis, como organização do ambiente, usos do tempo, seleção e oferta de materiais, seleção e proposta de atividades e organização da jornada cotidiana.

Organização do ambiente

A pesquisa sobre o espaço físico da escola nos ensina que os ambientes têm uma linguagem silenciosa, porém potente. Eles nos ensinam como proceder, como olhar, como participar. Uma sala limpa, organizada, iluminada, com acessibilidade aos materiais, objetos e brinquedos é muito diferente de uma sala com muitos móveis, com objetos e brinquedos fora do alcance das crianças e escura ou abafada. Cada um destes ambientes nos

apresenta uma concepção de infância, de educação e cuidado. Os ambientes são a materialização de um projeto educacional e cultural.

Alguns pesquisadores observaram que, quando os espaços nas escolas estão bem planejados, o professor deixa de ser o único foco de atenção das crianças, e o próprio ambiente chama as crianças pequenas para diferentes atividades. Assim, uma das tarefas principais de um professor de bebês é criar um ambiente onde as crianças possam viver, brincar e ser acompanhadas em suas aprendizagens individualmente e também em pequenos grupos.

Os ambientes precisam ser coerentes com as necessidades das crianças, proporcionando situações de desafio, mas também oferecendo segurança. Quando bem pensados e propostos, incitam as crianças a explorar, a serem curiosas, a procurar os colegas e os brinquedos, isto é, elas podem escolher de modo autônomo.

Ao organizar a sala para os bebês mais novos, é importante arranjar pequenos espaços, confortáveis, com espelho, tapetes, rolinhos, almofadas, que possam auxiliar na sustentação das crianças e favorecer seus movimentos. Tal espaço é organizado para que as crianças interajam com outras crianças, brinquem com os objetos e brinquedos podendo, assim, vivenciar diferentes experiências.

Quando as crianças ficam muitas horas num espaço de vida coletiva, é interessante que se institua um lugar para colocar as coisas que vêm de casa, como as fotos da criança e da família, os brinquedos e outros objetos que criam um “oásis” de singularidade na vida e no espaço coletivo.

Como grande parte das ações das crianças pequenas está relacionada com o ambiente físico e humano onde ela está situada, esse lugar deve apresentar estabilidade, sendo flexível e evidenciando quem são seus usuários, seus nomes e marcas, seus interesses atuais e seus processos de crescimento. Todo o material que entra em uma sala para bebês deve ser avaliado quanto a seu estado físico, suas possibilidades cognitivas, motoras e sensoriais, bem como quanto à sua qualidade cultural. Constitui compromisso da escola oferecer brinquedos e equipamentos que respeitem as características ambientais e socioculturais da comunidade.

A sala pode estar organizada em microambientes temáticos, com alguns materiais mais estruturados e outros não estruturados. .Nesses pequenos espaços, as crianças exploram os objetos — tapetes, colchonetes, cantos, tocas — constroem cenários e estruturam brincadeiras coletivas e individuais. É preciso que a sala tenha lugares como armários, caixas, cestos, onde possam ser guardados os materiais.

Os bebês na creche, além da sala, têm direito aos espaços de uso coletivo, como bibliotecas, sala de música, pátio e outros. O parquinho da escola é um espaço que deve ser pensado e organizado na medida das crianças. Além disso, é necessário que as crianças pequenas tenham contato diário com a luz do sol, o ar fresco e possam observar e interagir com a natureza. Acima de tudo, o espaço em que as crianças vivem tanto tempo precisa ser prazeroso, bonito, relaxante, alegre.

Os usos do tempo

Talvez o tempo seja um importante elemento para a definição da especificidade da educação dos bebês. As crianças pequenas precisam de tempo, de tempos longos para brincar, para comer, para dormir. Tempos que sejam significativos. As crianças pequenas,

especialmente os bebês, têm a árdua tarefa de compreender e significar o mundo e precisam de tempo para interagir, para observar, para usufruir e para criar.

Muitas vezes, as pessoas pensam que os bebês têm pouca capacidade de atenção, de envolvimento, de curiosidade e por esse motivo não oferecem propostas de atividades para as crianças, ou, ao contrário, trocam as propostas a cada momento. Ora, quando temos efetivamente contato com os bebês e os observamos brincando sozinhos ou com outros bebês, verificamos que eles ficam intrigados e envolvidos com uma tarefa e podem permanecer assim por muito tempo. A pressa, em geral, é nossa, dos adultos.

Ter tempo para brincar, fazer a mesma torre muitas vezes, derrubar, reconstruir, derrubar novamente permite aos bebês sedimentar as suas experiências. A organização de uma jornada na escola precisa contemplar as necessidades das crianças, sejam elas de ordem biológica, emocional, cognitiva ou social, e também oferecer tempos de individualização e de socialização. Nossa sociedade, em nome da produtividade, tem acelerado a vida: cada vez mais cedo e cada vez mais rápido. As crianças chegam à escola com organizações de vida diferenciadas e, aos poucos, vão sincronizando com o grupo, isto é, a professora junto com as crianças vai construindo uma vida com tempos compartilhados. Porém, é preciso cuidado para que esse processo não seja invasivo e atenção às necessidades, ritmos e escolhas individuais da criança.

Construindo uma rotina

As rotinas, ou a jornada diária da sala de bebês, são aquelas experiências que se realizam ao longo do dia. Essa repetição oferece aos bebês certo domínio sobre o mundo em que vive e segurança, isto é, a possibilidade de antecipar aquilo que vai acontecer. A recorrência dos eventos faz com que se possa construir um eixo de história e memória para a construção de uma identidade social, de grupo. Afinal, todos os dias, no mesmo lugar, juntamente com as mesmas pessoas, serão realizadas certas atividades e repetidos alguns rituais. É nesse lugar que as crianças vão se encontrar com outras crianças, aprender a se relacionar, a conviver, a cooperar, discordar. É nesse espaço social que irão, com seus corpos, perceber os odores, escutar as vozes, olhar, observar, tocar, pois as crianças têm grande capacidade de compreender a realidade através dos sentidos.

É preciso ter muita atenção aos momentos de vida cotidiana dos bebês, pois é nesses momentos que acontecem as primeiras aprendizagens, que as crianças aprendem a cuidar de si e a se relacionar com os outros e o mundo. Assim, fazendo as tarefas cotidianas com o apoio de um outro, em geral o adulto, mas também outras crianças, os bebês aprendem a viver a vida e vão construindo sua independência.

Geralmente, as salas de bebês organizam seu tempo em momentos que iniciam com o acolhimento, passam pelas refeições, pela brincadeira, por atividades de higiene, pelas práticas de repouso, por uma ida ao pátio. Em outras palavras, pela construção de contextos educativos que possibilitam aos meninos e às meninas adquirir conhecimentos e habilidades e a realizar interações que instituem e ampliam seu repertório motor, emocional, social e cognitivo. Ter uma jornada diária pensada “na medida do grupo e de cada criança” significa também estar aberta ao inesperado, àquilo que “sem aviso” emerge no cotidiano e propicia as reavaliações de percurso, oferecendo novas opções aos bebês.

Então, vamos ao percurso ...

Se temos um ambiente acolhedor e desafiante, se já pensamos em modos cotidianos de organizar o tempo em rotinas, se selecionamos os recursos e materiais necessários para o trabalho pedagógico, é hora de pensar em como encaminhar o trabalho com as crianças; afinal, as bases do trabalho pedagógico estão postas.

A partir dos objetivos presentes no PPP da escola e no planejamento anual da turma, o professor começa a organizar alguns momentos do ano que são recorrentes: o acolhimento dos bebês e suas famílias na creche, o convite aos percursos, os desafios e a construção de processos e a análise das experiências vividas. Para realizar esse percurso, o professor de berçário possui alguns instrumentos: a observação, o planejamento, as ações e experiências, o acompanhamento e a avaliação.

A observação

Para poder compreender e comunicar-se com um bebê pequeno, é preciso observar. É por meio de diferentes técnicas de observação —, dirigida, natural, com o uso de máquina fotográfica ou de filmagem — que nos aproximamos do modo como as crianças se relacionam com o mundo e com as outras crianças, produzindo suas vidas. Como não utilizam a palavra falada, é geralmente pela observação crítica, atenta e contínua das atividades, das brincadeiras e interações das crianças no cotidiano que o professor acessa os sentimentos e questionamentos das crianças. As observações precisam ser registradas para serem compartilhadas e analisadas; é imprescindível um caderno ou pasta para a escrita das observações. Além do conhecimento das singularidades de todas as crianças, é pela observação que o professor pode construir projetos de trabalho com as crianças.

O acolhimento

A chegada de um bebê em uma família cria um momento de grande intensidade emocional e causa profundas transformações em todos os seus integrantes. A especificidade desse momento deve ser considerada quando se recebe um novo bebê na creche. Afinal, não é apenas uma criança que a escola de educação infantil irá acolher, mas toda uma família, que está vivendo um processo de transformação.

Também na escola, a chegada de um novo bebê causa nas crianças e nos adultos uma nova situação, uma reconfiguração do grupo. Assim, acolher uma criança na creche exige dos diferentes profissionais atenção, competência e sensibilidade nas relações com os bebês e suas famílias. Para isso, é preciso em primeiro lugar respeitar e valorizar as famílias em suas diferentes formas de estruturação e organização e abrir diferentes canais para a participação cotidiana das famílias nas escolas de educação infantil.

A inserção das crianças na escola exige que os professores estabeleçam um contato pessoal com cada família. Para as crianças, especialmente os bebês, os primeiros dias de frequência à creche é uma fase de grande mudança, e elas precisam de um ambiente que lhes ofereça segurança emocional, acolhimento, atenção. As crianças logo reconhecem a confiança que seus pais depositam na escola e nas professoras; assim, o trabalho de inserção das crianças na creche passa necessariamente pela relação de confiança entre pais e professores.

O professor ou a professora e a escola têm o compromisso de criar estratégias adequadas ao momento vivido pela criança, na transição da casa para a instituição de Educação Infantil, empenhando-se em:

- Construir um ambiente estável de colaboração e um clima de confiança tanto para os bebês como para as suas famílias;
- Desenvolver as capacidades pessoais do professor de estabelecer uma relação com a criança, que se inicia com um olhar, um sorriso, a oferta de um objeto, para construir, aos poucos, a confiança do bebê nessa nova pessoa e nesse novo ambiente;
- Realizar reuniões para apresentar a proposta, as dependências da escola e as pessoas que nela trabalham;
- Entrevistar os responsáveis, para conhecer o bebê e sua família, seus hábitos e valores;
- Combinar o processo de inserção da criança na creche: período de tempo, tempo diário de permanência, presença dos familiares, etc.

Após o momento inicial de acolhimento, as crianças e os adultos constroem um ritmo de trabalho a partir de ações e experiências. Os desafios, as proposições, as problematizações vão se estruturando ao longo do processo. Elas se iniciam com o conhecimento de todos os bebês, das situações que parecem mais significativas e, a partir de então, exigem compromisso e imaginação pedagógica do professor para continuar com um percurso.

Os percursos exigem mudanças nas trajetórias quando, ao procurar escutar aquilo que nos dizem os bebês em suas múltiplas linguagens, avaliamos que outras ações são mais importantes que aquelas planejadas. Para que as crianças reconheçam a si mesmas como sujeitos históricos, que fazem parte de um coletivo e que deixam marcas e constroem narrativas, é preciso construir, a partir daquilo que elas evidenciam, um percurso com coerência e com uma história que pode ser registrada em fotos e continuamente contada às crianças. Esse é um importante papel da educação nos primeiros anos.

DESAFIOS PARA CONSTRUIR UM DIA A DIA COM OS BEBÊS

O cotidiano das crianças na sala de bebês vai sendo construído por meio de atos de cuidado e educação dos docentes. A cada dia, inicia-se o encontro dos bebês e adultos com o acolhimento, que pode ser feito de diferentes formas. Em seguida, a professora pode criar uma situação, pautada nas suas observações, que faça com que os bebês encontrem algo (ou alguém) agradável, interessante e instigante.

Uma das características de uma turma de bebês é que, mesmo quando a professora tem uma proposta muito interessante, os bebês geralmente não participam dela como grupo completo, ou ao menos não ficam presentes em sua totalidade. Sempre há um bebê que está com sono, outro que precisa ser trocado. Assim, aquilo que denominamos trabalho diversificado é uma constante na turma de bebês.

Nesses momentos de encontro, a professora pode promover o relacionamento e a interação das crianças com diferentes materialidades e com manifestações culturais, como a música, trazendo canções que ela mesma canta, CDs, caixas com instrumentos musicais, propor aos bebês acompanhar a música com o balanço do corpo — o que não deixa de ser uma introdução à dança, que deve ser sempre lembrada e estimulada.

Mesmo os bebês sendo pequenos, temos a possibilidades de oferecer massas e tintas adequadas, assim como água, barro e gelo, para fazer experiências plásticas. Além disso, podem-se promover brincadeiras com blocos, jogos de descoberta, construções,

encaixes, “faz de conta”; brincadeiras com bolas, arcos, almofadas, para criar situações de desafio motor. Muitas brincadeiras podem também ser feitas com a linguagem: onomatopéias, versos, trava-língua, canções; brincadeiras do tipo “cadê o toicinho”, “serra-serra serrador”, que envolvem movimento junto com uma canção, são extremamente bem-vindas.

Nas salas, devem ser privilegiados os brinquedos e materiais naturais, como panos, pecinhas de madeira. A brincadeira do “cesto dos tesouros”, elaborada por Elinor Goldschimied, é muito indicada para bebês, pois possibilita a exploração, a composição e a estruturação de uma brincadeira individual e também coletiva, além de ampliar a confiança das crianças.

Grande parte das intervenções da professora ocorrerá no sentido de facilitar as relações sociais, transmitir as possibilidades das brincadeiras em sua multiplicidade e riqueza. A linguagem oral das crianças e sua capacidade de locomoção também serão pontos que regularmente devem ser trabalhados. Fazem parte da sala dos bebês os livros de imagens, poesias, histórias, podendo a escola até mesmo fazer uma pequena “bebeteca” onde a criança encontre narrativas e oportunidade de interação com a linguagem oral e convívio com diferentes suportes e gêneros.

Os bebês, mesmo pequenos, podem ir ao teatro quando o espetáculo tiver sido pensado para eles. Além de fruírem como espectadores, os bebês também iniciam seus jogos dramáticos na escola de educação infantil. Nessa faixa etária, o uso de vídeos ou TV deve ser feito com parcimônia. As crianças convivem com as televisões em suas casas, porém as experiências corporais, de relacionamento, de linguagem são as mais significativas nessa faixa etária.

Sempre que possível, é importante, ao selecionar os materiais, pensar numa proposta de trabalho com as crianças que leve em consideração o critério da diversidade social e cultural, como instrumentos musicais e músicas de diferentes culturas, livros com imagens de crianças e bonecas de diferentes etnias, comidas de diferentes tradições culturais (todas as culturas tem alimentos específicos para seus bebês). A diversidade deve estar presente no cotidiano do berçário.

Aos momentos de atividade para um grupo maior de crianças, seguem-se muitos outros de contato individual ou em pequenos grupos. As crianças oferecem pistas, que os professores pegam e devolvem com novas elaborações, criando continuidades, rupturas, aprofundamentos. Nesses momentos, vistos tradicionalmente apenas como educativos, é preciso um profundo olhar de cuidado do professor: cuidado na seleção dos materiais, cuidado para estar atento às expressões das crianças, cuidado para dar o tempo adequado para o desenvolvimento da atividade.

A alimentação é uma prática cultural repleta de simbolismo. A escolha dos alimentos, a forma como se organizam as cadeiras, o lugar onde se come — sala ou refeitório —, os instrumentos que se usam para comer, tudo isso diz respeito à formação cultural e social. Também o modo como se inicia e finaliza a alimentação faz parte de um ritual, um ritual que não é igual ao doméstico e que, na escola, pode ser construído com a participação das crianças e transmitido aos bebês.

Nos momentos de alimentação, as crianças ficam envolvidas com a ação dos adultos; porém, algumas vezes, conforme a configuração dos móveis, esse pode ser um momento de grande socialização e vida coletiva. Em geral, as crianças participam com muita alegria desse momento, que é muito mais do que uma necessidade fisiológica. A

dependência das crianças da alimentação que é servida a elas vai, pouco a pouco, sendo substituída por situações de alimentação com elas. Por exemplo, pode-se dar uma fruta amassada, mas também um pedaço inteiro para o bebê explorar, colocar na boca, comer, o que finalmente se tornará uma ação autônoma das crianças.

Aprender a alimentar-se é uma importante aprendizagem para a primeira infância, pois envolve aspectos sociais (cuidado pessoal, auto-organização, saúde, bem-estar), motores (manuseio de talheres, movimento da boca, ingestão) e fonoarticulatório. Nessa situação, podemos novamente compreender a inseparabilidade das ações de educação e cuidado.

Após a alimentação, a higiene será uma necessidade das crianças. Preparar um ambiente tranquilo, de intimidade e poder ofertar tempo e disponibilidade de atenção individual são características de um bom momento educativo na higienização. Deixar as crianças confortáveis e limpas propicia grande satisfação.

Em seguida vem o sono, que pode ser precedido por uma canção, uma história, uma poesia, ou seja, também se pode criar um ritual de sono na escola. Não é um momento fácil para todas as crianças, algumas resistem a passar da vigília para o sono. Assim, tanto o momento de auxiliar a dormir como o momento de acordar devem ser vistos com delicadeza e reflexão, isto é, cuidando e educando os bebês.

À medida que as crianças vão ficando mais velhas, a centralidade das situações de alimentação, repouso e higiene diminui. Em idades posteriores, podemos denominar esse momento de repouso, pois não deve haver a obrigatoriedade de dormir; porém, nessa faixa etária, o sono segue-se com frequência aos momentos de alimentação e evacuação. A diferença é que os bebês bem pequenos não têm muitas vezes grande sincronia uns com os outros: enquanto alguns dormem, outros ficam acordados, possibilitando intervenções pontuais de seus educadores. Estes podem oferecer às crianças propostas para aprender, observando, tocando, experimentando e construindo ações e sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo desse modo cultura.

Todos os dias, os bebês precisam ir ao pátio, pois este é um procedimento saudável e também um importante momento de integração com as demais pessoas da escola, especialmente porque promove interações entre crianças de mesma idade e crianças de diferentes idades. É importante que os bebês vivenciem diariamente situações que incentivem sua curiosidade, exploração, encantamento, questionamento, indagação e conhecimento em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza. Esses momentos se sucedem ao longo do dia.

Assim como o acolhimento aos bebês e aos pais deve ser valorizado a cada dia, a saída é o momento do reencontro com os familiares, momento de emoção, de troca de informações — orais e escritas. Muitas vezes, são momentos tensos, pois as crianças querem permanecer, ou choram ao ver os pais. É a confiança, continuamente reassegurada, que permite viver com tranquilidade as variadas situações emocionais da entrada e da saída na instituição.

O acompanhamento/avaliação

Ao longo do processo, a professora deverá constituir estratégias — por meio de distintos instrumentos, como fotos, desenhos — para acompanhar tanto o seu trabalho pedagógico como para coletar dados sobre as crianças no que se refere não apenas à vida do grupo, mas também aos processos vividos por todas as crianças individualmente. Os

dados individuais, recolhidos, refletidos não devem servir para selecionar ou estigmatizar as crianças, mas para permitir construir perspectivas futuras de intervenção pedagógica.

Os registros, após sua organização, tornam-se um documento para contar para as crianças e suas famílias seus percursos de aprendizagem individuais e coletivos. Isso significa garantir às crianças uma memória, contada narrativa e descritivamente, sobre sua vida. Tais registros também servem para construir a memória da instituição e para que se reflita sobre o projeto pedagógico. Constituindo uma documentação específica que permite às famílias conhecer o trabalho da instituição com as crianças e os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança, os registros valorizam o papel da creche e dos profissionais da educação infantil. Avaliar, refletir criticamente sobre os dados coletados e organizados é um fator indispensável para qualificar o trabalho.

Referencias

- ARENDDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2008.
- ARRIBAS, Teresa Lleixá & Cols., Educação Infantil: Desenvolvimento, currículo e organização escolar. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Por amor e por força: rotinas na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BONDIOLI, Anna; MANTOVANI, Susanna. Manual de Educação Infantil: de 0 a 3 anos. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- COHN, Clarice. Antropologia da Criança. Ed. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2005.
- CRUZ, Silvia H. Vieira. A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez editora, 2008.
- DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter; PENCE, Alan. Qualidade na Educação da Primeira Infância: perspectivas pós-modernas. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella & cols.. Bambini: A abordagem italiana à educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- EDWARDS, Carolyn. GANDINI, Lella. FORMAN, George. As cem linguagens da criança: A abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 1999.
- FALK, Judit. Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy. São Paulo: JM, 2004.
- FARIA, Ana Lúcia de; MELLO, Suely Amaral. O mundo da escrita no universo da pequena infância. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. P. 116-120.
- FARIA, Ana Lúcia G.; MELLO, Suely Amaral. (Orgs.) Linguagens Infantis: outras formas de leitura. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. P. 5-22.
- FORNEIRO, Lina Iglesias. A organização dos Espaços na Educação Infantil. In: ZABALZA, Miguel Angel. Qualidade em Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- GOLDSCHMIED, Elionor; JACKSON, Sonia. Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- HORN, Maria da Graça Souza. Sabores, Cores, Sons, Aromas: A organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____. A construção do espaço e as diferentes linguagens. In: REDIN; Fernanda, MULLER; REDIN, Marita M.(orgs.). Infâncias: cidades e escolas amigas das crianças. Porto Alegre: Editora Mediação, 2007.

JABLON, Judy R.; DOMBRO, Amy Laura; DICHELMIER, Margo. O Poder da Observação. Porto Alegre: Artmed, 2009.

KLAUS, Marshall H.; KLAUS, Phyllis H. Seu Surpreendente Recém-Nascido. (Trad.) Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2001.

KUHLMANN JR., Moysés. Infância e educação infantil: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998.

MOYLES, Janet. Fundamentos da Educação Infantil: enfrentando o desafio. Porto Alegre: Artmed, 2010.

WINNICOTT, Donald W. A Criança e seu mundo. Rio de Janeiro: ZAHAR Editores, 1979.

Textos, dissertações e teses

AMORIN, Katia de Souza; ANJOS, Adriana M.; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; VASCONCELOS, Cleido Roberto F.. A incompletude como virtude: interação de bebês na creche. Psicologia: reflexão e crítica. V.16, n.2. Porto Alegre: 2003.

ANJOS, Adriana M.; AMORIM, Katia de Souza; VASCONCELOS, Cleido Roberto F.; ROSSETTI- BARBOSA, Maria Carmen Silveira.; RICHTER, Sandra Regina S. Os bebês interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche. In: Congresso de leitura do Brasil, 17. 2009, Campinas. Anais... Campinas: 2009 (texto digitado).

FERREIRA, Maria Clotilde. Interações dos bebês em creche. Estudos de Psicologia. V.9, n.3. Natal set/dez. 2004 Natal: 2004.

BRASIL a. Práticas Cotidianas na Educação Infantil – Bases para Reflexão sobre as Orientações Curriculares. Projeto de Cooperação Técnica MEC / Universidade Federal do Rio Grande do Sul para Construção de Orientações Curriculares para a Educação Infantil. Brasília, MEC/Secretaria de Educação Básica/ UFRGS, 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf Acesso em maio 2009.

BRASIL b. Relatório de Pesquisa: A Produção Acadêmica sobre Orientações Curriculares e Práticas Pedagógicas na Educação Infantil Brasileira. Projeto de Cooperação Técnica MEC / Universidade Federal do Rio Grande do Sul para Construção de Orientações Curriculares para a Educação Infantil. Brasília, MEC/Secretaria de Educação Básica/ UFRGS, 2009. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13453&Itemid=936 > Acesso em maio 2009.

CÂMARA, Hildair Garcia. Do olhar que convoca ao sorriso que responde: possibilidades interativas entre bebês. Porto Alegre, 2006. Dissertação (mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COUTINHO, Ângela Scalabrin. As crianças no interior da creche: a educação e o cuidado nos momentos de sono, higiene e alimentação. Florianópolis, 2002. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina.

COUTINHO. O Estudo das Relações Sociais dos Bebês na creche: uma abordagem interdisciplinar. Zero-a-Seis, América do Sul, 1 26 06 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/zerosseis/article/view/10889>.

GUIMARÃES, Daniela de Oliveira. Relações entre crianças e adultos no berçário de uma creche pública na cidade do Rio de Janeiro: técnicas corporais, responsividade, cuidado. Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2008. Tese de Doutorado.

PAULA, Ercília Maria T. de. Comida, diversão e arte? O coletivo infantil em situação de alimentação na creche. São Paulo, 1994. Dissertação (mestrado). Universidade de São Paulo.

PRADO, Patricia Dias. Educação e Cultura Infantil em creche: um estudo sobre as brincadeiras de crianças pequeninas em um CEMEI de Campinas. Campinas, 1998. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas.

PAIVA, Ana Paula. Literatura Infantil: muito além do cantinho da leitura. Porto Alegre. 2010. 4 f. (Texto digitado).

RICHTER, Sandra Regina S.; BARBOSA, Maria Carmen S. B. Educação Infantil: Qual currículo com crianças pequenas? In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO: Educação e Tecnologia, VI. 2009, São Leopoldo. Anais... São Leopoldo: UNISINOS, 2009.

SCHMITT, Rosinete Valdeti. “Mas eu não falo a língua deles!”: as relações sociais de bebês num contexto de educação infantil. Florianópolis, 2008. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina.